

**N**o coração da América do Sul, o povo Guarani viveu uma história ímpar de organização e resistência. Séculos depois, as marcas das reduções jesuíticas continuam vivas no Sul do Brasil

# Sete Povos das Missões

■ Antônio José dos Reis

**N**as selvas brasileiras dos séculos XVII e XVIII, quando parte da América ainda não havia conquistado sua independência política, os tempos eram outros. Moviam-se de acordo com a visão de povos como os Guarani, que escolhiam as várzeas dos grandes rios para tocar suas vidas. O Brasil foi palco de um dos mais pungentes dramas épicos da história sul-americana, entre 1682 e 1750, período em que índios Guarani e padres jesuítas espanhóis protagonizaram a saga conhecida como Sete Povos das Missões. Das ruínas e dos escombros dessa experiência missioneira, nasceu anos depois o atual Rio Grande do Sul.

Simbolicamente, a história dos Guarani que participaram do projeto das missões é a história do próprio Brasil. Está recheada de lutas, conflitos e guerras. As massas indígenas lutaram contra massacres físicos e culturais de nações inteiras e contra a opressão imposta pelos colonizadores europeus (portugueses e espanhóis). No caso dos Guarani missioneiros, o símbolo humano dessa resistência responde pelo nome de Sepé Tiaraju. Ele nasceu, viveu, combateu e morreu no território dos Sete Povos das Missões, na época pré-açoriana.

De certa forma, a experiência dos Sete Povos das Missões envolveu, além dos índios aldeados e dos padres jesuítas, uma penca de aventureiros, encomendeiros, bandeirantes paulistas e até os exércitos de Espanha e Portugal. Trata-se de uma experiência nascida do encontro de duas culturas distintas: a guarani, filha adotiva da natu-



A região missioneira, ainda hoje, é habitada pelo povo Guarani. Os descendentes dos habitantes das missões ainda resistem ao acultramento

reza, e a européia/jesuítica, beneficiada pelas descobertas do Renascimento (movimento que marca a Europa de 1330 a 1530 e que consiste numa explosão de criações artísticas, literárias e científicas inspiradas na antiguidade clássica greco-romana), que construiu sua identidade den-

tro e fora do regime colonialista.

Historiadores apontam que as missões religiosas hispano-americanas nasceram no século XVI, o século dos conquistadores e de Bartolomeu de Las Casas (padre jesuíta que defendeu os índios contra o massacre perpetrado por colonizadores espa-

nhóis). Foi na esteira desse processo que surgiram, no século XVII, as missões jesuítas na região do Prata. O século XVII é considerado o século dos missionários. A Província Jesuítica do Paraguai, da qual se originaram anos mais tarde os Sete Povos das Missões, foi estabelecida a partir de

1607. As missões se inserem no contexto do projeto colonial como uma das formas de domínio de territórios e nações nativas. Envolveram diferentes ordens religiosas, com destaque para a Companhia de Jesus (fundada pelo padre Ignacio de Loyola durante a época da Contra-Reforma). E consistiram em reduzir índios à fé cristã em todo o continente americano. Daí o nome reduções, cujo objetivo era congregar nações indígenas em povoados, como processo "necessário" para sua pseudocivilização.

"Esses povos não pertenciam ao Brasil até o Tratado de Madri, em 1750, ocasião em que a Espanha cedeu a região dos Sete Povos das Missões a Portugal, em troca da Colônia de Sacramento. Pertenciam, isto sim, a Assunção (Paraguai)", diz o padre e historiador José Oscar Beozzo. Segundo ele, as missões são fenômenos que se originaram na Califórnia (EUA) e que, com o decorrer do tempo, ganharam grande autonomia. Não foram os jesuítas os precursores da experiência missioneira, mas os franciscanos. Padre Beozzo afirma que as primeiras reduções na América são aldeamentos franciscanos. Tese de semelhante teor é defendida por José Roberto de Oliveira, diretor de desenvolvimento do turismo da Secretaria de Turismo do estado do Rio Grande do Sul. "Quando se fala em missão jesuítica, está se falando em um mundo que não era Brasil, não era Argentina, não era Paraguai, não era Uruguai. Era a grande Província Jesuítica do Paraguai, que estava exatamente no meio da América e abrangia territórios desses quatro países".

## Experiência dos Sete Povos segue lógica do mercantilismo

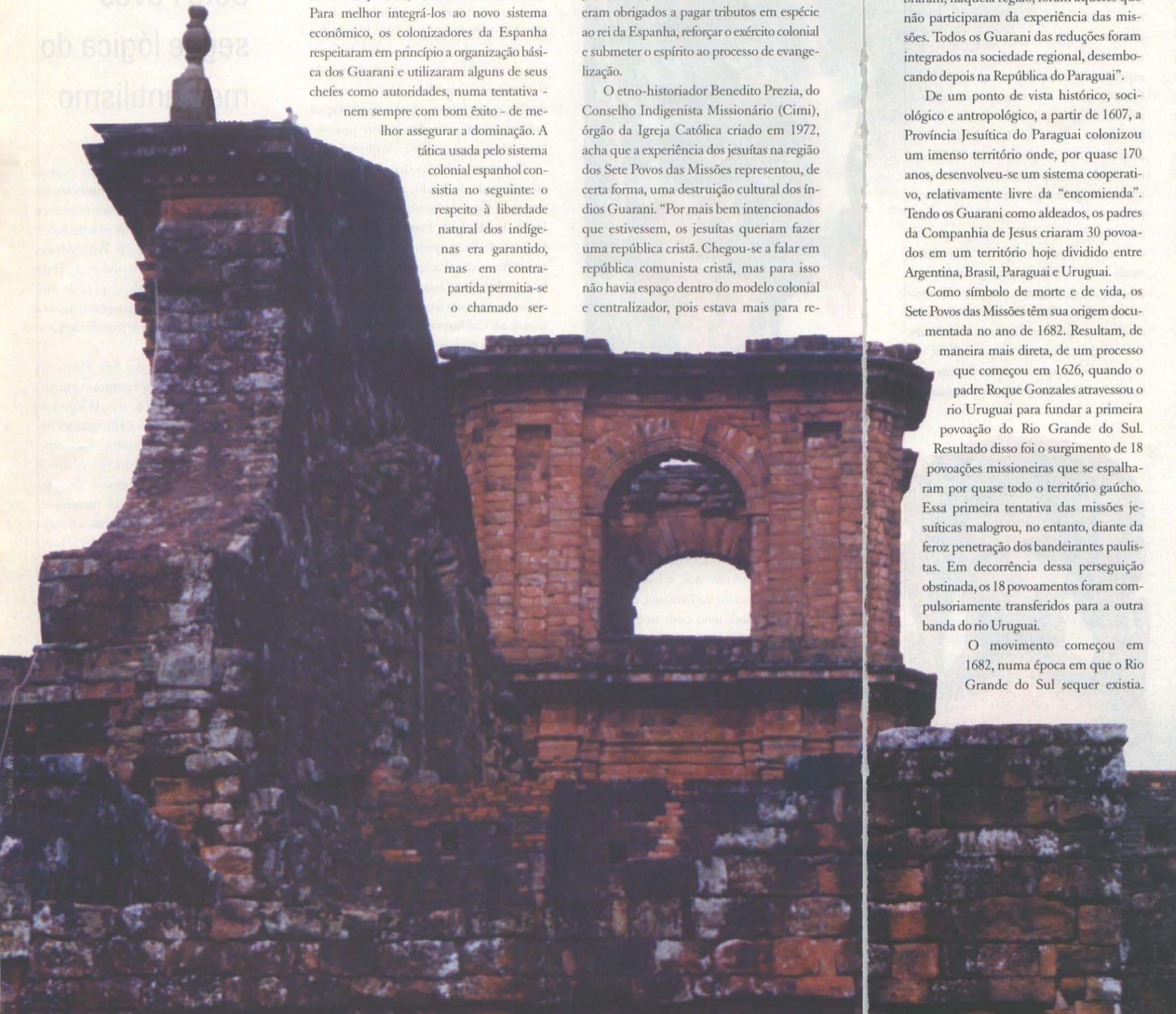
Durante séculos os índios, negros, camponeses, operários e mulheres foram privados de sua memória histórica e desenraizados do chão de suas tradições. Desde que as caravelas de Pedro Álvares Cabral invadiram o território de Porto Seguro, no sul da Bahia, em 22 de abril de 1500, muitos foram os personagens e revoltas populares que marcaram a história deste país.

O movimento dos Sete Povos das Missões, ocorrido em território gaúcho, deve ser entendido dentro da lógica do projeto mercantilista. O historiador Benedito Prezia não classifica essa experiência na categoria de luta popular, mas sim na de conquista territorial. "Se os índios Guarani que estavam naquela região tivessem se rebelado contra o poder português, aí sim Sete Povos das Missões poderiam ser caracterizado como rebelião popular. Tratou-se mais de um processo de guerra, em que um território estava sendo invadido por outro".

No entanto, a história do Brasil está cheia de exemplos de revoltas populares. A maior delas foi a Cabanagem, no Pará, no século XIX. Ficou conhecida como a revolta dos que não tinham contra os que tinham, envolvendo índios, mestiços, negros e brancos pobres. Foi a única revolução popular do período que chegou a ocupar, ainda que por pouco tempo, o governo efetivo da província do Pará.

Revoltas como a Balaiada (Maranhão), Farroupilha (Rio Grande do Sul), Sabinada (Pernambuco), Conjuração Baiana, Quilombo dos Palmares e a Revolta de Villa Rica (Minas Gerais) tiveram em comum a luta contra o modelo imposto pelo colonizador.





**Ajuda** A conquista do mundo indígena na Guaraní pelo império espanhol, que contou para isso com a ajuda tácita dos padres jesuítas, foi emblemática. Para melhor integrá-los ao novo sistema econômico, os colonizadores da Espanha respeitaram em princípio a organização básica dos Guaraní e utilizaram alguns de seus chefes como autoridades, numa tentativa - nem sempre com bom êxito - de melhor assegurar a dominação. A tática usada pelo sistema colonial espanhol consistia no seguinte: o respeito à liberdade natural dos indígenas era garantido, mas em contrapartida permitia-se o chamado ser-

viço pessoal. Esse sistema ficou conhecido como "encomiendas", introduzidas na América por Cristovão Colombo. Significava simplesmente que os índios, além de trabalhar, eram obrigados a pagar tributos em espécie ao rei da Espanha, reforçar o exército colonial e submeter o espírito ao processo de evangelização.

O etno-historiador Benedito Prezida, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), órgão da Igreja Católica criado em 1972, acha que a experiência dos jesuítas na região dos Sete Povos das Missões representou, de certa forma, uma destruição cultural dos índios Guaraní. "Por mais bem intencionados que estivessem, os jesuítas queriam fazer uma república cristã. Chegou-se a falar em república comunista cristã, mas para isso não havia espaço dentro do modelo colonial e centralizador, pois estava mais para re-

pública comunitarista. Neste caso, os jesuítas tentaram fazer do povo Guaraní uma outra coisa. Tanto que os índios que sobraram, naquela região, foram aqueles que não participaram da experiência das missões. Todos os Guaraní das reduções foram integrados na sociedade regional, desemboçando depois na República do Paraguai".

De um ponto de vista histórico, sociológico e antropológico, a partir de 1607, a Província Jesuítica do Paraguai colonizou um imenso território onde, por quase 170 anos, desenvolveu-se um sistema cooperativo, relativamente livre da "encomienda". Tendo os Guaraní como aldeados, os padres da Companhia de Jesus criaram 30 povoados em um território hoje dividido entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Como símbolo de morte e de vida, os Sete Povos das Missões têm sua origem documentada no ano de 1682. Resultam, de maneira mais direta, de um processo que começou em 1626, quando o padre Roque Gonzales atravessou o rio Uruguai para fundar a primeira povoação do Rio Grande do Sul. Resultado disso foi o surgimento de 18 povoações missioneiras que se espalharam por quase todo o território gaúcho. Essa primeira tentativa das missões jesuíticas malogrou, no entanto, diante da feroz penetração dos bandeirantes paulistas. Em decorrência dessa perseguição obstinada, os 18 povoados foram compulsoriamente transferidos para a outra banda do rio Uruguai.

O movimento começou em 1682, numa época em que o Rio Grande do Sul sequer existia.

Esse fato coincidiu com o retorno dos índios Guaraní missioneiros para a margem oriental do rio Uruguai. A primeira das cidades dos Sete Povos das Missões foi São Francisco Borja. Depois vieram São Nicolau, São Luiz Gonzaga e São Miguel Arcanjo, todas erguidas no ano de 1687. São Lourenço Mártir surgiu em 1690. O crescimento rápido das cidades missioneiras ocasionou a fundação de São João Batista, em 1697, por iniciativa do padre Antonio Sepp - tido como o gênio artístico e científico das missões jesuíticas. O título de caçula missioneira pertence a Santo Ângelo Custódio, criada em 1706.

Embora a perspectiva inicial das reduções jesuíticas tenha sido a integração do índio Guaraní à marcha empreendida pelo

projeto colonizador espanhol, a experiência dos Sete Povos das Missões é a experiência de sete cidades e de uma só história de paixão pela terra. Uma experiência que ergueu sonhos em pedras, em sangue e em dor de todo um povo.

**Símbolo** A cruz de dois braços (cruz missioneira) e a catedral de frontão suntuoso, erguida na cidade de São Miguel Arcanjo, passaram para a história como os dois principais símbolos de um tempo de catequese e de civilização. Tempos que presenciaram o drama dos Guaraní. Para Benedito Prezida, mais do que genocídio (destruição física), ocorreu na região dos Sete Povos das Missões uma espécie de

## Cultura do povo Guaraní está viva em toda a América do Sul

Quase exterminados nos primeiros 500 anos de história do Brasil, os povos indígenas estão reagindo. A taxa de natalidade da população indígena está 10% maior do que a dos não-índios, segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai). Os índios Guaraní, que protagonizaram a experiência conhecida como Sete Povos das Missões, no século XVII, são herdeiros de uma história de dor, confronto, massacre, escravização e aculturação violenta.

Sobre a situação atual dos índios Guaraní, o diretor de desenvolvimento do turismo do Rio Grande do Sul, José Roberto de Oliveira, dá o seu depoimento: "É um povo trabalhador e que não está morto. O povo Guaraní continua vivo, tanto em pequenas tribos espalhadas por toda a América do Sul, quanto nas cidades e nas regiões de missões do Brasil. A cultura e o jeito de ser desse povo também continuam vivos. O churrasco gaúcho e o chimarrão se originam da cultura dos Guaraní e que, no Rio Grande do Sul, estão muito vivos no meio urbano".

O etno-historiador Benedito Prezida

destaca a luta pela terra, com ênfase para a preservação do território, como consequência direta do paralelo entre os Sete Povos das Missões e a realidade atual dos índios Guaraní. Ele lembra que o episódio de Sete Povos das Missões teve um grande trunfo: "as populações indígenas lutaram para preservar sua terra. Perderam-na, é verdade, mas deixaram a mensagem de que esta terra tem dono".

No contexto geral, incluindo as diversas nações indígenas que habitavam o país, estima-se que havia de cinco a seis milhões de índios no Brasil na época da chegada dos colonizadores europeus. Muitos morreram nas lavouras, em batalhas e em embarcações (alguns deles eram usados como remadores), além de terem sido vítimas de doenças trazidas pelos portugueses. O último dado populacional aponta a existência de 330 mil índios no território brasileiro, a maioria no Amazonas (89 mil).

Atualmente, como resultado desse processo, a política adotada pelos sucessivos governos brasileiros trata o índio como menor de idade.

# Tiaraju é o símbolo da luta de resistência dos índios

“Esta terra tem dono”. Sepé Tiaraju, guerreiro guarani que lutou pela identidade de seu povo durante o período em que vigorou a experiência dos Sete Povos das Missões, tinha toda a razão quando pronunciou esta célebre frase. No século XVII, as verdes planícies da banda oriental do Uruguai, numa época em que o Rio Grande do Sul nem existia, abrangendo parte da Argentina, Brasil e Paraguai, eram habitadas por povos como os Guarani, quando o império espanhol decidiu invadir a região.

Como o mais ilustre chefe guerreiro guarani, Sepé Tiaraju pode ser considerado um símbolo da indianidade das 215 nações indígenas que ainda habitam o território brasileiro. Ele lutou pelo direito à terra, à cultura, à língua, aos costumes e à autodeterminação dos Guarani. Sepé Tiaraju conhecia, de perto, os parâmetros da dominação colonialista. Sua combatividade pode ser observada em algumas palavras que proferiu em uma carta a seus algozes: “Não queremos dar nossas terras... E não queremos andar e viver onde quereis que andemos e vivamos. Jamais pisamos vossas terras para matar-vos ou empobrecer-vos, como fazeis aos índios Guarani e o praticais agora”.

Sepé Tiaraju nasceu nas missões de São Miguel, estudou com os padres jesuítas e foi elevado a cacique. Comandou o “exército” dos Guarani contra Espanha e Portugal. Sua imagem está associada à imagem do homem da terra, dizendo não ao opressor. Foi assassinado em sete de fevereiro de 1756, na chacina de Caiboaté, perto de Bagé (RS). Tiaraju está enterrado às margens do rio gaúcho Vacaí.

etnocídio (destruição cultural), visto que os Guarani perderam referenciais e foram integrados pela sociedade colonial. Ele comenta: “A contribuição dos Sete Povos das Missões para a formação do Brasil foi mais no aspecto da resistência indígena. Resistência contra um modelo brasileiro e contra a barganha que Portugal fez com a Espanha”.

Para entender melhor o projeto de redução do índio Guarani, é necessário compreender o contexto da época e, conseqüentemente, seus principais idealizadores: os jesuítas. No início do século XVI, a Europa era sacudida por discussões religiosas acaloradas. O fato da Igreja comercializar em demasia relíquias e indulgências propiciava um clima de revoltas dentro da própria instituição, devido a muitos padres não concordarem com o que consideravam abuso de fé. Foi em meio a esse quiproquó que em 1534 surgiu a Companhia de Jesus, que tinha por alicerce a resignação de seus integrantes em prol de um ideal comunitário.

Como uma das mais influentes ordens religiosas da época, a Companhia de Jesus tornou-se braço direito do Vaticano no trabalho de cristianização dos índios na América. Do lado espanhol, os primeiros povoados reducionais foram fundados no início do século XVII, na região do Guairá (atual oeste do Paraná) e em Itaim (atual sul do Pantanal matogrossense). As reduções do Tape, onde hoje está assentado o território sul-rio-

grande, foram erigidas em torno de 1620. O contexto político em que foi esboçada as primeiras experiências missionárias com os Guarani reporta-se ao império colonial espanhol dirigido pelos reis da dinastia dos Habsburgo, século XVII. O declínio desse projeto ocorreu em pleno século XVIII, durante a administração dos monarcas da dinastia dos Bourbon. É época em que começava a predominar no mundo o primado da razão como critério da verdade e do progresso da vida humana. É época em que as idéias iluministas influenciavam alguns governos, que procuravam agir segundo a razão e o “interesse do povo”, sem contudo abrir mão do poder absoluto - o que deu origem ao despotismo. Essa mudança conjuntural possibilitou, entre outras coisas, que as missões fossem combatidas e destruídas pela ação conjunta dos



quase sempre rivais reinados de Portugal e Espanha, numa tragédia que deixou nada mais do que ruínas e sofrimento.

Há quem afirme que a visão e a prática comunitária dos índios Guarani foram as marcas registradas das missões jesuíticas. Conceituados pesquisadores apontam, como no caso do padre paraguaio Bartolomeu Meliã, que as missões decretaram seu próprio fim ao se tomarem um projeto anticolonial dentro da colônia. Foram criadas 30 reduções em um raio de 490 mil quilômetros quadrados nos países da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, abrigando cerca de 150 mil pessoas.

No aspecto econômico e nas questões relativas ao universo cultural, as missões jesuíticas produziram legados notáveis. Os Guarani tornaram-se exímios artesãos e ceramistas. Praticavam uma agricultura de surpreendente rendimento e criavam gado. Eles difundiram a arte do couro, do bronze e da pedra. E desenvolveram profundos conhecimentos de urbanismo, arquitetura e tipografia, criando até um observatório astronômico. Naquela época, o talento dos Guarani para as artes rimava com o canto coral e com a fabricação de instrumentos musicais, como a harpa, os clarins, as flautas, o oboé, as trompas e o violino.

Admiráveis eram também os conhecimentos de geografia, zoologia e botânica difundidos pelas missões jesuíticas. Foi nas missões que surgiu o cultivo intensivo da erva-mate, o costume gaúcho do chimarrão, a criação de gado, o cultivo de uvas para vinhos e a arte de fazer instrumentos de corte.

Em algumas das antigas povoações dos Sete Povos das Missões o vestígio missionário deu lugar ao asfalto, aos edifícios imponentes e a um relativo progresso material. Segundo consta assim aconteceu com Santo Ângelo, São Francisco de Borja e São Luiz Gonzaga. As cidades dos Sete Povos das Missões desapareceram em decorrência do Tratado de Madri, que estabeleceu novos limites entre as terras de Portugal e Espanha na América. Trocada a Colônia de Sacramento (enclave português em território espanhol) pelos Sete Povos das Missões, foi deflagrada a Guerra Guaranítica contra as coroas espanhola e lusa, porque os índios não aceitaram ter que abandonar suas terras. Depois desse confli-

to, com milhares de mortos, especialmente de índios, Portugal e Espanha aplicaram o golpe definitivo contra as reduções, expulsando os jesuítas da região dos Sete Povos da Missões em 1768. Esse episódio provocou o início da decadência das missões.

Foram criadas 30 reduções, com população total de 150 mil pessoas

O pêndulo da experiência dos Sete Povos das Missões inclina-se hoje para seu lado histórico-cultural. O pesquisador Benedito Prezida acredita que os caminhos traçados pelos Sete Povos das Missões para a formação brasileira são carregados de motivações simbólicas. Em síntese, de acordo com ele, essa experiência missionária mostrou a luta de um povo contra uma política colonial que não respeitava as culturas nativas. “Foi uma



luta de resistência para preservar a identidade étnica. Os jesuítas tiveram um papel importante nesse processo porque, diante dos estragos produzidos pelo projeto colonial, ajudaram os Guarani das reduções a encontrar uma outra identidade: a de Guarani missioneiro”.

O jornalista Renato Dalto, responsável pelo texto “O mundo missionário” contido no livro “Missões Jesuítico-Guarani”, editado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), no Rio Grande do Sul, vinculada à Companhia de Jesus, garante que no território onde outrora difundiu-se uma pioneira experiência missionária o que se vê não é o inventário de uma derrota, mas sim a resistência

sem alarde de valores que não se esvaem. Assim ele define a atual situação dos índios e de seu hábitat: “Os Guarani voltaram à natureza. São indigentes aos olhos do homem branco, mas ainda preservam costumes... Ao cruzar por este continente ao sul, avistam-se homens a cavalo. A erva-mate floresce. As cidades cresceram a partir dos artesãos da metalurgia e da madeira, o gado ficou solto depois da expulsão dos jesuítas até que chegaram novos estancieiros. Criou-se um modelo arraigado à terra, uma cultura da cordialidade em que o chimarrão é o símbolo e o fogo, um convite à fraternidade. Tudo isso veio das missões, para cravar raízes além do tempo. Para trançar um laço com a eternidade”.

## 41 mil índios Guarani vivem em sete estados

Composta de 330 mil pessoas, a população indígena no Brasil está distribuída em 215 etnias e se comunica em 180 línguas diferentes. Um dos maiores grupos é formado pelos Guarani, cuja população soma 41 mil índios. Atualmente, os Guarani estão espalhados por aldeias localizadas em sete estados: Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo.

Recai sobre os Guarani, povos essencialmente agricultores e semi-sedentários, a conquista civil e espiritual que o Vice-Reinado espanhol do Peru empreendeu em fins do século XVI, a partir do Paraguai, no rumo do oceano Atlântico. Daí para a experiência dos Sete Povos das Missões foi um pulo.

Entre os Guarani, o cultivo do milho e da mandioca é feito pelas mulheres. Nessa cultura, a figura do curandeiro se destaca. A espiritualidade,

aliás, está no centro do universo guarani. A mística desse povo secularmente vem procurando, num êxodo comovente, o mito da “terra-sem-males”: a pátria libertada onde leite e mel jorram em abundância. Eles crêem na noção de alma plural, com múltiplas características.

Vigora nas tribos dos índios Guarani o paradigma da simplicidade. Caso típico da cerimônia matrimonial. Para que o casamento aconteça, por exemplo, a mulher expressa sua concordância por meio de um “porongo” com que assume a obrigação de ir buscar a água do rio para seu futuro marido. No caso do homem, a obrigação é de trazer da mata a lenha necessária para a comida na panela doméstica. Se mais tarde houver insucesso na união, a mulher pega o “porongo” de volta e ao marido, por sua vez, cessa a obrigação de buscar lenha na floresta.

Os Guarani descendem de um mesmo tronco lingüístico e migraram da Amazônia para o sul do continente americano. Eles estão divididos em três subgrupos: Nandéva, Mbüá e Kayová. Cada subgrupo mantém, muitas vezes, idéias diferenciadas a respeito do universo.

Agustão Ayayáto

# Região aposta no turismo histórico

*Países do Mercosul tentam conciliar interesse regional para alavancar a visitação*

**D**evagar, mas de maneira persistente, um dos maiores pólos históricos e culturais do país começa a descobrir uma vocação inusitada: o turismo. As cidades localizadas na região dos Sete Povos das Missões (Santo Ângelo, São Francisco de Borja, São João Batista, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São Miguel Arcanjo e São Nicolau), no Rio Grande do Sul, também querem tirar sua lasquinha do segmento que movimentava US\$ 13,2 bilhões por ano no Brasil.

O turismo na região das missões vem sendo incentivado pelo bloco continental do Mercosul (Mercado Comum do Sul), desde 1994. Para isso foi criado o Circuito Internacional das Missões Jesuíticas (um produto com a marca Mercosul), cuja meta é definir melhor as regras e integrar interesses entre a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Esse circuito internacional foi lançado oficialmente em 1998, na cidade de Londres, durante a maior feira de turismo do mundo.

Iniciativas como essa visam mostrar, por exemplo, que na parte sul do território brasileiro não existem apenas praias, cidades serranas e belezas naturais. Catedrais de pedras, ruínas de residências, bibliotecas, museus, sinos em bronze, imagens históricas e lendas fazem dos Sete Povos das Missões um "país" diferente, marginalizado pelos

roteiros turísticos tradicionais e pouco conhecido em quase todo o Brasil.

Tudo começou entre os séculos XVII e XVIII. Os rios Paraná e Uruguai contornam o cenário onde, no coração do Cone Sul, índios Guarani e padres jesuítas protagonizaram a experiência dos Sete Povos das Missões, cuja capital é São Miguel Arcanjo. O acervo dessa região foi reconhecido pela Unesco como patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Por cerca de 170 anos, as missões jesuíticas ocuparam áreas dos atuais estados do Paraná e Rio Grande do Sul e ainda do Paraguai, Argentina e Uruguai. Foram nos pampas uruguaios, na costa do rio Paraná, nos campos de ervamate da Argentina e em pequenos povoados do Pa-

raguai que foram edificadas dezenas de reduções católicas jesuíticas, formadas por igrejas, hospitais, asilos, escolas, casas, lavouras, oficinas e até pequenas indústrias. Ali fabricavam-se instrumentos musicais e imprimiam-se livros, num cenário que possuía ainda observatório astronômico e até boletim meteorológico. As reduções foram palco, aliás, de um desenvolvimento urbano que muitas cidades do interior brasileiro sequer conhecem.

**Atmosfera** As cidades que compõem a atmosfera mágica dos Sete Povos das Missões abrem suas portas para quem quer aprender História ao vivo e conhecer um universo no qual se realizou uma experiência de confronto entre o



do mundo europeu e o mundo indígena. A combinação de prédios históricos e lendas, o frio, o churrasco e o chimarrão são elementos intrínsecos à cultura das missões. Também se inserem nesse item a hospitalidade e o magnetismo místico.

Segundo José Roberto de Oliveira, diretor de desenvolvimento do turismo da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul, as atrações ofertadas pela região não se resumem à arquitetura e outros monumentos culturais. Ele opina que, por todos os caminhos e recantos, os Sete Povos das Missões respiram turismo místico. Tanto que, de uns tempos para cá, conforme José Roberto, cidades como São Miguel Arcanjo têm sido fartamente visitadas por esotéricos de outras localidades brasileiras, da França e de diversos lugares do mundo.

Considerada a mais importante cidade dos Sete Povos das Missões, São Miguel Arcanjo surgiu em 1687. Ali se encontram as ruínas de uma antiga catedral de frontão imponente, símbolo dos povos missioneiros. É neste palco que, a cada noite, o espetáculo "Som e Luz" relembra o apogeu das missões e seu itinerário de destruição.

Afora São Miguel, cidades como São Borja (a primeira redução dos Sete Povos

das Missões), Santo Ângelo e São Luís Gonzaga são portadoras de um patrimônio natural, cultural, arqueológico, arquitetônico e histórico de uma beleza ímpar. Em Santo Ângelo, fundada em 1706, além de igrejas e museus, se concentra o Centro de Cultura Missioneiro. Santo Ângelo, aliás,

serviu de rota de passagem para as tropas da Coluna Prestes, mesclando o passado com o presente. O ex-presidente Getúlio Vargas (1883-1954) nasceu em São Borja. Já a mais cultural das cidades dos Sete Povos das Missões foi São João Batista, onde floresceu toda uma estrutura

profissionalizada de produção e fundição do ferro. São Nicolau tem a seu favor o fato de ter sido o primeiro local urbanizado do Rio Grande do Sul.

**Potencial** O diretor de desenvolvimento do turismo da Secretaria de Turismo do estado do Rio Grande do Sul observa que o potencial turístico dos Sete Povos das Missões cresce a cada ano. Para José Roberto, a região (incluindo tanto a parte brasileira quanto pedaços dos territórios argentino e paraguaio) está preparada para receber em torno de um milhão de turistas por ano. Ele diz que, atualmente, cerca de 150 mil turis-

tas por ano visitam as cidades dos Sete Povos das Missões. Igual número de visitantes vai para a parte guarani do Paraguai, sendo que a Argentina recebe a maior fatia desse bolo: 250 mil "estrangeiros".

Assim opina José Roberto, que já exerceu o cargo de secretário de Turismo do município gaúcho de Santo Ângelo: "Com o Circuito Internacional das Missões Jesuíticas, desejamos que o turista que venha para a parte brasileira, passe também por solos argentino e paraguaio. Os de lá que venham para cá. Para isso estão sendo feitos investimentos em hotéis, pousadas, restaurantes e melhorias de aeroportos e estradas. Recursos também estão sendo aplicados em levantamentos arqueológicos da região, museus e tantas outras coisas. Nosso objetivo é tornar as missões atividades catalisadoras do Mercosul".

No contato com as raízes de antepassados europeus e indígenas, o visitante depara-se com o que o Brasil tem de mais inusitado em termos históricos e culturais. Ele deve, inclusive, ir preparado para fazer diferentes caminhadas. Para percorrer toda a região dos Sete Povos das Missões, anda-se pelo menos 150 quilômetros. Mas os Sete Povos das Missões significam mais do que monumentos históricos e resquícios culturais. Trata-se de um bela oportunidade de viajar, curtir o passeio e aproveitar a beleza e o colorido da vida. ●

Parte brasileira das  
missões recebe  
cerca de 150 mil  
turistas por ano

